

MEMÓRIAS E IDENTIDADES LOCAIS E REGIONAIS: AS LEMBRANÇAS DE UM LUGAR EM *ERMOS E GERAIS*

Marta Bonach Gomes

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)

martabonach@gmail.com

Bernardo Élis, homem do Cerrado

Bernardo Élis¹, homem do Cerrado, possui vasta e diversificada obra. O seu legado, como escritor múltiplo, é bastante extenso. *Ermos e Gerais* é o primeiro livro de Bernardo Élis, constituído por dezenove contos e uma novela, publicado em primeira edição no ano de 1944. Dessa forma, a eficiente fórmula narrativa de Élis está na investigação e captura da verdadeira história dentro da História.

O mundo do camponês é manifesto na literatura bernardiana através da complexidade dos fenômenos artísticos da obra, cuja missão diga a verdade do mundo do Cerrado. Nos contos são traçados referencialidades, bem como o perfil da singularidade em cada personagem na obra *Ermos e Gerais*, em linhas significativas de variações, época histórica que aponta ficção e história no contexto da enunciação. Assim, unidades político-sociais se configuram com a obra geral, já que o autor procurou fixar no plano literário a geografia física e humana de sua terra natal – Goiás.

Nesse aspecto de um núcleo humano, seus vários personagens se misturam com a vida real nos confins do interior do Planalto Central, seus contos, suas histórias revelam a degradação do sertanejo em Goiás, explorados pelos donos de terras, na medida em que existe um diálogo permanente entre autor, leitor, texto e sociedade.

¹ Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, advogado, professor, poeta, contista e romancista, nasceu em Corumbá de Goiás, GO, em 15 de novembro de 1915, e faleceu no dia 30 de novembro de 1997, na mesma cidade.

Entretanto, observar nesse cotidiano dilacerado e povoado de realidade de Élis (1959), nos personagens que o permeiam e o rodeiam, nota-se no contexto o desvelamento pela palavra filosófica, a fim de eternizar suas raízes.

O acervo vocabular produzido em obras literárias diversificadas se vinculam ao modo como é interpretada a realidade da identidade cultural. A proeza maior do autor da obra “Ermos e Gerais” ultrapassa, em muito, esse modo usual de cernir um tema – ele traduz o sentimento dos logos estéticos que nos fazem escrever este texto enquanto o discurso ficcional nos faz perceber o sentido real.

O tema que envolve o vínculo de origem simultânea entre temporalidade sócio-política e oralidade percorrerá todo o nosso texto, a partir de uma tentativa de aproximação entre os pensamentos de Bernardo Élis e do leitor contemporâneo que tem contato com os textos e consegue visualizar neles a sua própria vivência das aproximações que este formula com aquele.

No momento em que Bernardo Élis surge na cena literária brasileira, o Sertão nordestino já havia sido incorporado à cultura do país desde o regionalismo visto em Graciliano Ramos. A obra de Bernardo Élis (1959) traz a referência do Cerrado goiano. Há regiões que sofreram diferentes influências culturais – no ensaio bernardiano, o conflito e a harmonia se casam para gerar a arte.

O microcosmo político-social na obra *Ermos e Gerais* delinea uma linguagem justa, direta e concreta, limita-se a estabelecer relações de identidade ou de adequação entre o homem e as coisas. A postura que o homem adota diante do mundo, que invoque o testemunho de Élis, pinta com exatidão, a representação do sujeito sem importância social diante da força que o detém, revela-o ao leitor, através da sensibilidade, numa dimensão mais secreta da experiência do sertanejo. Nessa dimensão secreta, forma essencial e pura da realidade, o autor percorre um caminho de desconstruções e construções.

É oportuno lembrar a questão dos costumes, da cultura e o caráter indentitário narrados com segurança singular por Élis, capazes de restituir a ficção goiana na textura dessa gente de assombros, marca que registra suas histórias recheadas de prosa viva, ou retratos vivos dos caboclos, o modo de falar, de agir, se projetar, a verdade que une o homem ao mundo levando-o aos seus limites.

Élis (1959) prepara-nos o caminho-texto e confirma o pressuposto que é, hoje e sempre, criar o visível pela mente, pelos olhos e pelo coração, sem nada perder nessa aventura. Essa é a virtude do jogo humano de certos instantes, que nos fazem reconhecer por que anunciam o lado harmonioso e conflituoso das coisas: a casa de pau a pique, o rio que irrompe suas barreiras em tempos de chuvas longas, angustia por meio dos tempos de cheias do rio Corumbá, o assombro do sertanejo que abriga em lugares incomuns nos confins do cerrado goiano. O momento eterno no entrelugar do final do dia que dá lugar a noite longa e escura. Bernardo Élis nos conta sua experiência do ser em contos singulares da obra *Ermos e Gerais*.

Assim, seus caminhos e intenções, traz revelações e formas de captar em sua energia mais íntima, ao mesmo tempo que seleciona a ficção e a história em suas possibilidades expressivas no conto *Nhola do Anjos e a Cheia do Corumbá* explora nosso veio imaginário: “ficavam ilhados, mas a passagem da várzea é rasa e podia-se vadear perfeitamente” (ÉLIS, 1959, p. 11). Registros desse universo geográfico são precisos, firmados na postura estética que evidencia a ficção como relato da vida real.

Élis (1959) demonstra a angústia daquela gente e os anseios por uma vida melhor. Contudo, neste percurso, evidenciaremos apenas o que mais interessa aos nossos propósitos, ou seja, o universo simbólico que ressurge em experiências de um momento na história da literatura brasileira, em meio ao apagar das luzes de uma época em que pouco se escrevia pelo Centro-Oeste – ou pouco se importavam com a literatura goiana, dados os olhos luminosos dos escritores do litoral brasileiro.

Bernardo Élis (1959) se impõe nesse cenário. *Ermos e Gerais* e não se solidifica apenas numa obra de ficção, é real e parte da criação e fala da linguagem de uma determinada região para o mundo. Trata-se de possibilidades expressivas, dos estereótipos, e revela o homem por meio da sensibilidade e permeia o falar culto e o falar popular numa fusão rara, numa fórmula da narrativa tão eficiente e singular.

Merquior (1996, p. 49) assevera sobre linguagem, “a proximidade da fala popular volta a fecundar a literatura. O coloquialismo aparece, não como traço dominante, mas como sintoma de que a língua dos escritores mergulhou na sua fonte eterna...”. A linguagem destaca-se tanto por veicular a importância de um modo de falar, usado na linguagem de Élis, quanto para colocar-se para o mundo, uma maneira de garantir a esse novo homem um espaço nos domínios do Cerrado, solo goiano brasileiro.

Sociabilidades, paisagens e sensibilidades formam as características da relação natureza/homem, bens vigentes na composição expressa nos contos de Élis (1959), que enaltecem o ambiente na perspectiva dos dramas humanos no Centro-Oeste do Brasil.

Mas o aspecto talvez mais notável dessa obra está na linguagem político-social meticulosamente elaborada: a descrição do Cerrado e dos moradores dos confins, povo sofrido, sem tratamentos nas doenças, vivendo de forma sub-humana, esquecidos no interior do mundo rural goiano. Élis (1959) mergulha nesse mundo devastado do interior do Brasil – o mundo do Cerrado – e cria uma escala de representações bem específicas de linguagem e estudos sobre a formação econômica social e cultural, no desejo de capturar as sensibilidades humanas.

Sendo assim, o pensamento social goiano de Bernardo Élis (1959), em *Ermos e Gerais*, antecipa, diante do cenário brasileiro já focado anteriormente, mostrar a maneira inferiorizada dos injustiçados das pequenas roças em suas diversas modalidades, o explorado e o explorador, a identidades construídas por meio da diferença nas relações com o outro, a necessidade daquilo que falta para alcançar o espaço marcado pela supremacia dos donos das terras. Ancorados nesse ponto de vista, somos conduzidos a reflexão que abriu esse artigo: compreender, ver, trazer junto a nós a realidade penetrando com certo cuidado no espaço sombrio da diferença.

Percebemos, então, que Élis (1959) instiga um olhar sob diferentes temáticas que percorrem rincões no Brasil Central, nos quais ficção e história se combinam numa construção estética. Cada gesto artístico, original e único ilumina outros novos instantes na história.

Tal pressuposto se apoia na visão geográfica descrita nos contos do autor: o lugar isolado, a região inóspita, o lugar das léguas vazias em que a civilização e a justiça passavam de largo, a extensão territorial na qual arvoram as cores da privação do vazio da ruína, a degradação da crueldade da corrupção, o atraso congruente com o microcosmo político social.

O foco deste artigo será, pois, o problema das relações conflitantes entre o homem, a natureza e o mundo. O dom do autor de impor e evidenciar a “sua” realidade, apontando a miséria a que ficavam sujeitas as populações sertanejas do interior de Goiás, exploradas à mercê dos grandes proprietários de terras, vitimados pela pobreza, pela ignorância – tal força realista em *Ermos Gerais* deixa marcas profundas.

A partir daí, acompanhamos os desdobramentos do caminho da arte moderna até o momento contemporâneo. Veremos que, nesse caminho, Élis (1959) propõe a eterna busca da verdade e a presença do homem no solo do Sertão, libertando-as de suas formas transitórias e recriando-as inteiramente ao resgatar fórmulas, por meio de sentimento, mesmo que pelo caminho-verdade, envolvendo tragédia no enredo de ficção na obra.

A proeza maior do autor ultrapassa em muito o modo pessoal de cernir um tema, de ver e participar do mundo. Trata-se de uma mediação artística e estética que aponta para além do tempo, associa-se com uma educação do imaginário e do real. Bernardo Élis (1959), criador de *Ermos e Gerais*, possui vasta e diversificada obra, mas focaremos no drama de suas personagens, no referido livro, misturando-se Cerrado adentro.

Assim, é possível demarcar a agregação dos saberes, examinando a gênese em prosa e verso no sentido pleno da vida e da obra no texto, que será preservado no nível da memória e da sensibilidade que revela sua produção, até suas particularidades e suas complexidades que enriquecem a literatura brasileira.

O presente artigo objetiva realizar estudos sobre *Ermos e Gerais*, consolidando nos contos, espaço, tempo, ficção e história nas escrituras. Sua obra continua muito atual, fonte que nomeia o ser, o homem de Goiás. O olhar consistente na literatura trata-se de uma questão já bastante explorada, o que não nos impede de abordá-la, devido à sua importância para o nosso tema que serve de alicerce.

Seguramente Élis (1959) conseguiu cantar Goiás sem ser paroquial. Nem por isso sua obra consistiu ao todo documental, é uma obra que tem um inestimável valor estético com imaginação criadora, pois trata de temas e problemas que continuam a remeter a nosso tempo.

O leitor contemporâneo, que tem contato com os textos de Élis (1959), consegue visualizar neles a sua própria vivência. Para tanto, antes de tudo, os conceitos que marcaram o destino da história em Goiás promoveram a libertação de novas formas artísticas.

Desse modo, percebemos uma necessidade em estudá-lo em diversos âmbitos, como fonte inesgotável de leitura, se pensarmos na linguagem, em sua capacidade de nomear o ser, ou promover sua presença, identidades que possuem palavras para dizer o mundo.

Para mim, a literatura é o deus que cria o mundo e a vida

Ermos e Gerais é uma obra que busca na ficção a forma de assentar a sua história e a realidade, de intenso valor literário e linguístico, profundamente arraigada à situação política, social e econômica da época em que Bernardo Élis narrou o mundo do Cerrado.

A obra foi produzida em um período de destinação histórica no qual a região era dominada pelos poderosos coronéis. É claro que a contemplação da obra não isola o homem de seus sentimentos, mas digere-os para o seu acontecimento histórico, cujo sentido é resgatar as origens históricas e promover a libertação de novas formas artísticas.

Ora, essa dominação exercida pelo latifúndio seguia uma política de proteção aos seus interesses, menosprezando o injustiçado pela distribuição desigual de terras, pelo analfabetismo e pelas táticas de arrendo.

Diante da sabotagem do mundo rural goiano, percebemos que a gravidade da narrativa bernardiana segue-se reunindo linguagens, espaços e tempos, no sentido de que o percurso literário de Élis estava inchado de sua própria realidade, transbordava elementos culturais e seguia processos ambientais, valorizando a relação do homem com o meio na dinâmica de suas interações, harmônicas ou conflituosas.

Nesse sentido, o fazer artístico de Élis leva-nos a pensar que seja possível suas intenções terem adiantado, a seu modo, e em seu tempo, uma necessidade contemporânea da arte, tão suficiente quanto necessária nesse alvorecer de nosso universo.

Reconduzido ao clima da reflexão, Bernardo Élis (1959) vasculhou amiúde as situações práticas próprias do mundo rural goiano. Esse tópos pode ser conferido em algumas passagens na obra *Ermos e Gerais*, conforme podemos identificar nas falas de Quelemente com Nholá dos Anjos:

Dependurou numa forquilha a caroça – que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva –, tirou a camisa molhada do corpo e se agachou na beira da fornalha.

– Mãe, o vau tá que tá sumino a gente. Êste ano mesmo, se Deus ajuda, nois se muda.

Onde ele se agachou, estava agora uma lagoa, da água escorrida da calça de algodão gorsso.

A velha trouxe-lhe um prato de folha e êle começou a tirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de barro. Era um feijão brancacento, cascudo, cozido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima,

mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra.

Agora a gente só ouvia o ronco do rio lá em baixo

– Ronco confuso, rouco, ora mais forte, ora mais fraco, como se fosse um zunzum subterrâneo.

Ver e compreender a realidade e penetrar com cuidado no espaço sombrio da diferença revelam a simples brotação magnífica das forças da realidade-interpretada, cujas malhas prendem o homem ao mundo. O gesto de escrever é o modo humano de proteger (desafiar) a privacidade da verdade. Insistimos no fato de que é nessa posse que Élis (1959) propõe sua forma única em que a época produzia.

Encontramo-nos, novamente, na obra *Ermos e Gerais* diante da circularidade do sujeito/ambiente, sublinhado pela presença do microcosmo, que revela não só o observador de costumes daquela gente, mas o crítico social, apontando a miséria, mergulhadas na superstição: de assombrações, capetas, almas penadas, isolamento rural, sensações de medo, ermos envoltos em crenças e misticismo no caminho da exploração... o autor transforma o artista em espectador, Élis é um informador visual. Podemos verificar isso no conto *André Louco*, na fala da personagem Joana: “Na quaresma, ela (Maragã) virava assombração. Virava um cachorrão peludo, que percorria os quintais, depois da meia-noite, comendo cueiros sujos de obra de menino novo” (ÉLIS, 1959, p. 37).

Percebe-se, portanto, que o narrador tem a preocupação de buscar uma linguagem justa, que aquele que nos fala das situações drásticas do mundo do Cerrado, da história humana, das narrativas, das ficções, da dominação e do poder, é o mesmo Élis que nos aponta um horizonte de esperança na possibilidade de sobreviver ao quadro contemporâneo de uma cultura de massa, no cenário da tecnologia e como agente em contínuo processo de interação com o homem.

Por essa e outras razões temos insistido na obra sinalizada em um contexto de austeridade ao acesso à propriedade de terras, pelo processo dominador da força dos “coronéis” sobre os subjugados, o que determina a identidade do sertanejo.

O mundo social, internalizado como realidade objetiva, integra-se à subjetividade do escritor na criação de um universo ficcional que acompanha os indivíduos em sua relação com o meio físico e a sociedade, o que implica interações, modificações e deslocamentos respectivos entre os personagens e o mundo em que se movem.

O sentido científico na oralidade de Bernardo Élis (1959) suporta a ressonância linguística do coloquialismo e aproxima o narrador do leitor. Entretanto, Élis é fiel ao estilo de sua reflexão, que se desenvolve por caminhos de desdobramento natural do duelo artista-matéria, em sua relação com o ambiente natural, Brasil. É a partir desse lugar de isolamento apresentado por Élis que nos propomos a realizar uma análise que aproxima a história da ficção. Consolida-se, assim, a tragicidade como fonte comum que integra grande parte da obra aqui proposta. Bernardo Élis transpôs o plano ficcional.

Os escritos de Bernardo Élis ocupam-se, assim, das experiências, sociabilidades e práticas do homem camponês ou provinciano no Centro-Oeste brasileiro. O título de *Ermos e Gerais* (contos goianos) é elo ficção-real com segurança singular acerca da centralidade do ambiente físico na conformação dos dramas vividos por seus personagens: os “ermos” definem lugares distantes, ainda em grande parte desabitados e compostos por terras devolutas, e somam-se às “gerais”, forma coloquial de referir-se ao Cerrado.

A nova visão do narrador na obra *Ermos e Gerais* e estudos que contemplam tanto o resgate de obras publicadas, quanto a investigação bibliográfica brasileira sobre temas de inspiração e estética, marcam um significativo cuidado especial com a história além de uma abordagem na ficção e na verdade, um mergulho usual da palavra.

Propusemo-nos a investigar, inicialmente, ancorados no ponto de vista de Otávio Paz (1988, p. 52), que dialoga com nosso ensaio:

O que tocamos e vemos e ouvimos e degustamos e sentimos e pensamos, as realidades que inventamos e as realidades que nos vêm, nos ouvem e nos inventam, tudo o que tecemos e destecemos e nos tece e destece, instantâneas aparições e desapareções, cada uma distinta e única, é sempre a mesma realidade plena, sempre o mesmo tecido que se tece ao destecer-se: também o vazio e a mesma privação são plenitude (talvez seja o ápice, o cúmulo e a calma de plenitude)tudo está cheio até as bordas, tudo é real, todas essas realidades inventadas e todas essas invenções são reais...”

Entretanto, a observação de Paz (1988) usa as formas para captar o imaginário, e o trajeto em questão é baseado na necessidade de meditação sobre a experiência artística bernardiana. Ocorre-nos, a propósito, registrar a mensagem político-social na ficção e história, bem como a linguagem coloquial do conto bernardiano, expostos em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, primeiro conto da obra *Ermos em Gerais*, de Bernardo Élis (1959).

Evidenciam-se o espaço, o tecer, a ficção e a linguagem coloquial, paralelamente ao modo de pensar do narrador e ao colocar-se no mundo do Cerrado e parte do seu esforço para desprender da exposição escrita e surpreender a conceituação crítica dos elementos que se relacionam e estão presentes na obra do autor escolhido.

Para tanto, escolhemos como suporte teórico autores que teorizam sobre estudos que dão fundamentação na produção textual, como Octávio Paz (1988) e Mikhail Bakhtin (1998), circundados visivelmente à mais secreta evidência na pesquisa. Na verdade, esse pensamento tem como campo de visão o mundo e sua representação.

Segundo Benjamin (1994, p. 210), “somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte”. Já Friedrich (1991) reflete acerca de um universo íntimo e a transformação do real, tanto em nível linguístico, como de representação e leitura da obra e do mundo.

Mikhail Bakhtin (1992), como sabemos, dedicou a vida à definição de noções, conceitos e categorias de análise da linguagem com base em discursos cotidianos, artísticos, filosóficos, científicos e institucionais, que asseveram a linguagem analisada a partir da interação entre os indivíduos dentro de uma prática social.

Assim, a língua não é apenas um amontoado de palavras, nem é individual, mas acontece por meio da interação verbal. Élis descreve, portanto, sobre a aquisição e transformação do documento num elemento seu, nascido e criado pelo próprio autor na força da ficção. Se tais observações forem justas, o aprender e o emprego da linguagem passam necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais, como descrito para revelar suas significações que criam e revelam um mundo de sentidos.

A seguir, já acontecia uma energia de expressão fora do comum, Élis descreve o real, muito original, e capta com o próprio olhar as imagens com vital espontaneidade e escreve: “Havia um remanso escuramente frio, no qual as águas viscosas se estuporavam em lerdo torvelinho, ajuntando folhas, garranchos” (ÉLIS, 1959, p. 110). Temos, assim, em *Ermos e Gerais*, um misto de variedades linguísticas e em sua individualidade sensível.

O cenário de *Ermos e Gerais*, especificamente tornou-se finalmente a arte reveladora da verdade que vive na natureza e no coração do homem. Da ficção à história, se modifica e permite que enfoquem no narrador, decifrando o invisível. As ideias de Bhabha (1998)

sinalizam e singularizam a cultura como o lugar por excelência da resistência aos discursos hegemônicos, que fundamentam nosso artigo.

Ora, a comparação é um recurso bem recorrente na obra de Élis. Se consideramos que entre a imagem e a linguagem narrada haverá uma análise e uma interpretação das diferentes veredas do nosso discurso contemporâneo. Se ela vale em si mesma, relaciona-se com as várias tradições (antiga, moderníssima ou moderna).

Contudo, o narrador sendo fruto de uma época, não consegue se desligar da visão depreciativa atribuída ao camponês, no contexto de uma determinada época. Dessa maneira, suas personagens são colocadas como ingênuas/rudes, fracas/imprudentes, pautadas numa grande tragicidade.

[...] Nisso Quelemente notou que a jangada já não suportava 3 pessoas. O choque com o tronco de árvore havia arrebentado os atilhos e metade dos buritis havia-se desligado e rodado. A velha não podia subir, sob pena de irem todos para o fundo. ali já não cabia ninguém. Era o rio que reclamava uma vítima.” (ÉLIS. 1959, p. 15).

Assim como natureza além do espaço físico e, mais ainda, toda fonte de sentido, também o tempo, além das horas que correm, Élis (1959) incorpora, portanto, a opressão da família dos Anjos, primeiro conto da obra *Ermos e Gerais*, pela força da natureza, que é a mesma força que os leva a sair de casa por causa da enchente do rio (problema que ocorre todos os anos). A família é condicionada a situações desconfortáveis e perigosas, como o seu próprio destino trágico.

Para Heidegger (1979, p. 111), “assumindo seu passado, ao mesmo tempo, seu projeto de ser, o homem afirma sua presença no mundo. Ultrapassa, então, o estágio da angústia e toma o destino nas próprias mãos.” A temporalidade constitui, assim, a dimensão fundamental da existência humana, segundo Heidegger (1979). Pensamos agora em uma aproximação na qual a referência político-social de Goiás como fronteira e periferia foi responsável pela criação de leituras negativas sobre os seus habitantes e seu espaço.

“A água barrenta e furiosa tinha vozes de pesadelo, resmungo de fantasmas, timbres de mãe ninando filhos doentes, uivos ásperos de cães danados (ÉLIS, 1959)”. Nessa visão pensante, Paul Ricoeur (2000) teoriza sobre a metáfora em seus vários aspectos e ideias, assim como os outros estudiosos consideram isso um trabalho de influência que um texto exerce sobre o outro.

Considerando o espaço como um elemento significativo na construção de uma narrativa, nota-se que Bernardo Élis (1959), nesse conto, deu prioridade a esse componente, construído em consonância com o desenvolvimento do enredo e com as ações das personagens, ou seja, é ele que desencadeia os fatos e as influências nas atitudes e no comportamento das personagens e, até mesmo, prenuncia os seus destinos.

A partir de tudo o que já foi dito, percebe-se que a questão de fundo é ainda a da relação entre sociedade e literatura. Octávio Paz (1994) afirma existir uma relação muito resistente e complexa entre obra e história. Ele vê como fundamental o entendimento da relação existente entre leitor, autor e texto literário, pois, na sua opinião, em toda a sociedade existe um sistema de proibições e autorizações.

Já com relação ao espaço dimensional, uma vez que a narração desse conto promove uma situação em que o leitor imagina, por meio das descrições da natureza, o perfil do ser fictício, em como suas ações e seu destino associam-se, o lugar de mistério que se alia ao imaginário se estendem até os dias atuais, embora de uma maneira mais mascarada e velada.

O tempo é uma criança que brinca, como nos casos de *Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá*. São momentos de limites, tanto no tempo como no espaço, e podem acontecer que somente na reintegração do passado possa trazer a originalidade para inventar o futuro.

Observamos nos trechos a seguir: “Saiu ao terreiro e olhou a noite. Não havia céu, não havia horizonte – era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa” (ÉLIS, 1959, p. 12). Esse trecho faz referência ao mistério da exatidão do tempo em que o dia se entrega à noite, onde tudo pode acontecer. “A noite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados” (ÉLIS, 1959, p. 6). A presença da linguagem culta, popular, metafórica e, às vezes, poética, nos mostra o quanto Bernardo Élis foi sábio e habilidoso com as palavras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nelly Alves de. Regionalismo; Bernardo Élis. In: ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudos sobre quatro Regionalistas**. 2. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, 1992.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

DE PAULA, Marcelo Ferras. **Poesia e diálogos numa Ilha Chamada Brasil**. 2012. 201f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais** (contos goianos). Goiânia: OiÓ, 1959.

HEIDEGGER, Martin (1889-1976). **Vida e Obra**, consultoria de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do Poema**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

PAZ, Otávio. **O mono gramático**. Trad. L. de Barros e J. Simão. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PAZ, Otávio. **Itinerário**. México: Fondo de Cultura Económico, 1994.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. 1 Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

SOBRE A AUTORA

Marta Bonach

Nasceu em Ipameri-Go, exerce o cargo de Professora na Rede Estadual de Educação há 27 anos. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás e pós-graduação *Lato Sensu* em Supervisão Escolar e História da Educação Brasileira. É Mestra em Letras pela PUC - Goiás, pesquisadora e inquieta neste novo texto-ensaio que aqui se desdobra. Atualmente é aluna especial no doutorado pela UFG e UFPR, cujo projeto visa pesquisar o Microcosmo político-social em Bernardo Élis. Colaboradora no interior do Instituto Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe). Publicou 2 livros e dois ensaios relacionados a poetisa goiana Cora Coralina.

Recebido para publicação em Outubro de 2020

Aprovado para publicação Novembro de 2020